

# DOCTRINA “NEO-REAGANIANA” DE TRUMP BUSCA REDUZIR A INFLUÊNCIA RUSSA

A “Doutrina Trump”, inspirada na contenção de Reagan, busca reverter a influência russa global para forçar Putin a um acordo desvantajoso na Ucrânia, enquanto Washington testa os limites da escalada e da retração estratégica no século XXI.

**Andrew Korybko\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

L logo após a [captura](#) do presidente venezuelano Nicolás Maduro, foi avaliado que a “[Doutrina Trump](#)’ é moldada pela ‘[Estratégia de Negação](#)’ de Elbridge Colby”, que argumenta que os EUA agora priorizam negar à China os recursos necessários para manter seu crescimento econômico. O objetivo é descarrilar a trajetória da China rumo ao *status* de superpotência e, assim, tornar Xi Jinping mais propenso a aceitar um acordo comercial desequilibrado com os EUA para institucionalizar o *status* de potência subordinada da China. A Terceira Guerra do Golfo reforça esse objetivo, como explicado [aqui](#) e [aqui](#).

No entanto, quando aplicada à Rússia, a Doutrina Trump se assemelha mais à Doutrina Reagan. A Estratégia de Negação é muito menos relevante para a Rússia do que para a China, devido à riqueza em recursos naturais da Rússia, que lhe permite desenvolver-se de forma autônoma (mas ao custo de ficar para trás na corrida tecnológica). Dito isso, a prisão de Maduro e a Terceira Guerra do Golfo afetaram tanto a China quanto a Rússia, embora de maneiras diferentes: a China teve seus recursos negados, enquanto um parceiro da Rússia foi destituído do poder e outro enfraquecido.

A observação desses dois resultados nos leva à essência da aplicação da Doutrina Trump, semelhante à de Reagan, em relação à Rússia. Trata-se de “reverter” a influência russa no mundo com o objetivo de pressionar Putin a aceitar um [acordo unilateral](#) na Ucrânia que institucionalizaria o *status* de potência minoritária da Rússia. Trump pediu o congelamento do conflito na primavera passada, o que Putin rejeitou, já que esse cenário não aborda as questões de segurança fundamentais, e é por isso que o conflito continua até hoje sem um acordo à vista.

A Rússia e os EUA ainda acenam com a promessa de uma parceria estratégica mutuamente benéfica e centrada em recursos, mencionada [aqui](#) e [aqui](#), como recompensa por cederem em suas posições consideradas inaceitáveis pelo outro. Essas posições dizem respeito à recusa da Rússia em congelar o conflito sem abordar as questões de segurança fundamentais e à recusa dos EUA em abordá-las, bem como à recusa em coagir a Ucrânia e a OTAN a fazerem o mesmo. Nenhum dos dois concordou em ceder, apesar dessa recompensa.

O dilema resultante levou à transformação da Doutrina Trump. Putin colocou Trump em um impasse, no qual ele podia tanto manter o ritmo do conflito, correndo o risco de outra “*guerra sem fim*”, quanto “*escalar para desescalar*”, arriscando uma Terceira Guerra Mundial. Trump se livrou criativamente dessa armadilha replicando a política de “retração” de Reagan em um contexto moderno. Quando “reduziu” a influência da Rússia na Venezuela e no Irã, ele já havia feito movimentos importantes na Armênia-Azerbaijão, no Cazaquistão e até mesmo na Bielorrússia.

O primeiro fez as pazes com Washington e concordou com um [corredor comercial controlado pelos EUA](#), que funcionará como uma rota logística militar dupla para injetar influência ocidental, incluindo da OTAN, em [toda a periferia sul da Rússia](#). Isso encorajou o segundo a concordar com um acordo [sobre minerais críticos](#) e anunciar sua [planejada produção de munições padrão da OTAN](#). Quanto ao terceiro, suas negociações com os EUA visam [incentivar sua deserção da Rússia](#), o que complicaria muito a hipotética continuidade indefinida da [operação especial](#).

Esses seis países – Venezuela, Irã, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão e Bielorrússia – não são os únicos onde os EUA estão “reduzindo” a influência russa, já que [Sérvia](#), [Cuba](#), [Síria](#), [Líbia](#) e a [Aliança Saheliana](#) (Mali, Burquina Fasso e Níger) também estão sendo alvos. [Mianmar](#) e [Nicarágua](#) podem ser os próximos. Na ausência de um acordo com Trump, que Putin poderia ser ainda mais induzido a aceitar se Trump prometer reduzir a pressão dos EUA sobre alguns – mas não todos – desses países, a Rússia pode perder todos esses parceiros com o tempo.

---

*\*Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*

---